



manzuá

CORPO, TEATRO E ISOLAMENTO

RELATOS DE UM ATOR EM UMA EXPERIÊNCIA CÊNICO-DIGITAL

Artigo

Raphael Oliveira – Cri'Ative'se Cultural

Fernanda Mélo – UFPE

RESUMO

Este artigo apresenta fragmentos sobre o processo artístico vivido durante o começo da pandemia do Covid-19 pelo ator/pesquisador Raphael de Oliveira, relatando os incômodos do isolamento em aspectos físicos e mentais e a busca pela teatralidade nos espaços digitais. A experiência dentro do Laboratório de pesquisa e criação cênica da produtora Cri'Ative'Se Cultural, especificamente no processo criativo do grupo de trabalho focado em mediação cênica, resultou na obra cênico-digital *“Enquanto a festa não chega”*.

Palavras-chave: ator; teatralidade; isolamento; cênico-digital

ABSTRACT

This article presents fragments about the artistic process experienced during the beginning of the Covid-19 pandemic by the actor / researcher Raphael de Oliveira, reporting the discomfort caused by isolation considering physical and mental aspects and also the search for theatricality in digital spaces. The experience within the research and creation laboratory of production company Cri'Ative'Se Cultural production, specifically in the creative process of the working group focused on scenic mediation, resulted in the digital scenic work *“While the party doesn't arrive”*.

Keywords: actor; theatricality; isolation; scenic-digital



manzuá

De repente nosso barco parecia que iria naufragar, fomos atingidos por uma grande pedra de gelo do sistema de poder, com uma narrativa que infelizmente insistia em nos deslegitimar, vimos amigos e parentes escorrerem suas vidas pelo vírus que nos atacava. Mas o que realmente era o vírus? Será que já éramos atingidos por um vírus de pouca valorização das partilhas e trocas entre os corpos? A saudade do outro nos fez abrir os olhos para algo que antes não percebíamos? Para essas perguntas, múltiplas reflexões. A troca e partilha dos corpos, o movimento e o contato, eram muito mais valiosos e capazes de mudar nossa estrutura de embarcação, era o outro que fortalecia nossas paredes criativas. Me sinto nesse atual momento, mais parecido com Marco no livro “Marcha para Zenturo” (Cobogó, 2012) da escritora e dramaturga Grace Passô, mergulhando na busca da minha existência e relação com o outro, no meio do caos de um cenário de guerra.

Sim, meu barco é simples, é pequeno, só me cabe lá dentro, mas eu me sinto tão bem. Fico a maior parte do meu tempo nele, eu me sinto bem lá. Me sinto sozinho, mas não sei por quê, me sinto bem. No fim do dia, quando estou cansado, escolho com minhas mãos um trecho d'ório, recolho esse trecho, coloco no meu rosto, despejo um tanto do meu cansaço nele, depois jogo a água cansada de volta no rio; meu cansaço se mistura às outras águas, com outros trechos de outras pessoas que fizeram o mesmo, e é o rio que leva meu cansaço. Eu gosto da água, dos pingos do rio que choram pulando. Quando meus pensamentos estão muito confusos, eu boto meus dedos lá dentro e a água benze minhas mãos. Eu lavo minhas camisas, quando tenho sede, bebo água do rio. As pessoas acham estranho, mas é bom. Vocês sabiam que



manzuá

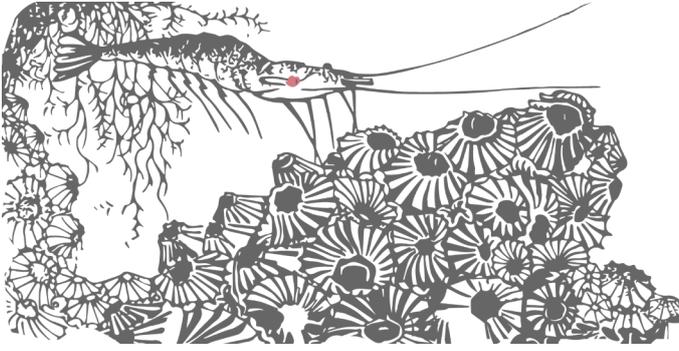
antigamente os barcos eram movidos pelo vento?
(PASSÔ, 2012, p.72).

Como um grupo de estudo em um laboratório de pesquisa em teatro e cultura, proposto pela professora Emanuella de Jesus em um momento de pandemia, vimos nossos espaços cotidianos resumidos ao acordar de quatro paredes dentro das nossas casas, nosso semestre do curso de interpretação para teatro (CIT - SESC Pernambuco) tinha sido bruscamente interrompido pela violenta pandemia. Muito discutimos sobre a nossa existência, e ainda temos que refletir sobre como vamos existir após uma nova forma do fazer artístico teatral. Mas uma reflexão foi proposta pelo nosso professor/diretor Rodrigo Cunha: "O que me tem feito feliz nesses dias de isolamento?", foi a partir desta pergunta que acordei para essa nova realidade e percebi que o novo era necessário e estar pronto para existir dentro deste atual cenário era uma escolha política de luta e resistência.

Como um corpo mantém sua existência dentro de um espaço em isolamento?

O isolamento nos engole, inicialmente ele é como uma boca faminta em que somos bruscamente inseridos e nem sequer temos o direito de escolha ou livre arbítrio. Não existe liberdade no isolamento, existe prisão, boicote e impotência. Foi assim nos primeiros dias: impotente. Impotente em todos os sentidos, "... vou fazer o quê? Não tem pra onde ir, nem o que fazer, é estar aqui, preso", foi assim que respondi por áudio no celular a um amigo naqueles primeiros dias de quarentena, de pandemia geral, de caos no mundo exterior.

O nome quarentena parecia deixar este isolamento mais curto,



manzuá

me soava como “período de 40 dias”, mas eu estava totalmente enganado por minha ignorância sobre o termo dentro do cenário histórico-social pandêmico.

O Tesouro Eletrônico do Ministério da Saúde define quarentena como: isolamento de indivíduos ou animais sadios pelo período máximo de incubação da doença, ou seja, pelo tempo compreendido entre o contato com o agente causador e a manifestação dos sintomas da doença (SANTOS, 2020).

É importante saber que quarentena está totalmente ligada ao período de incubação do vírus, mesmo sem a apresentação dos sintomas para que não aconteça uma propagação, já o isolamento é o procedimento adotado pelo sistema de saúde para a pessoa “comprovadamente infectada”.

Chegamos a uma realidade onde o sistema político do país cruzava os braços para o cenário de calamidade e abraçava o genocídio diário da nossa população, dos mais pobres e dos mais velhos, tratando uma questão de desespero mundial como uma “simples gripezinha” e nos fazendo ser todos “infectados” pelo isolamento, seja ele em formato de quarentena eterna ou comprovadamente adoecidos. O isolamento agora era instaurado e obrigatório pois os dados nos eram escondidos, maquiados e mentirosos. Perdemos familiares e amigos, nosso afeto estava totalmente abalado e o “stay home” era um sinal de medo e resguardo.

Foi nesse período que meu corpo foi engolido por uma certa impotência, as frustrações e incertezas aumentaram e existir era apenas um estado de hibernação pois “vou fazer o quê?”. Os dias passavam nos feeds das redes sociais e nos programas de TV que só falavam sobre o tema, os espaços da minha casa só me cabiam de



manzuá

forma quase claustrofóbica, eu estava ofegante e ansioso. Meu corpo estava preguiçoso, eu sentia dores nas articulações por estar sem me movimentar, existia um cansaço psicológico diante do cenário político e as notícias soavam como a pregação do prenúncio de um possível fim do mundo que acabava de acontecer, o susto me deixava inerte.

Mas minha mente começou a perceber de forma bem física os espaços dentro de casa, refleti sobre o que deixava minha mãe e minha avó satisfeitas em estar ali, sobre meus incômodos com espaços mal aproveitados da casa que agora me engoliam, comecei a me impor uma mudança de lugar. Pensei durante os encontros com meu grupo de 5 colegas atores e atrizes, por meios digitais, sobre o que estava mudando em mim durante a quarentena.

“Mundo líquido-peixe a vida é de olhos abertos” (MARIA GADÚ, 2018). Foi de forma aleatória que essa música de Maria Gadú me atravessou naquele momento, meus olhos se abriam para um mundo que antes eu não enxergava, a natureza que nos oferece vida e pulsa diante do cenário pandêmico, a existência do meu ser, do meu corpo, estava ali, prestes a contar essa história **“sobre um mergulho fantástico”**.

Era um momento de novas experiências, de vivenciar uma conexão comigo mesmo, de romper as distâncias geográficas e partilhar afetos com meus colegas artistas, de uma auto avaliação do meu fazer teatral, dos meus limites estéticos e das minhas desconstruções de pensamento. O conhecimento de um corpo tão poderoso que possuo e que é integrado, que não tem limitações próprias que não sejam colocadas como obstáculos por mim mesmo, por medos pessoais ou por uma falta de segurança que adquiri com opressões da adolescência, um corpo que precisava se movimentar para criar, pois sem isso ele morreria.



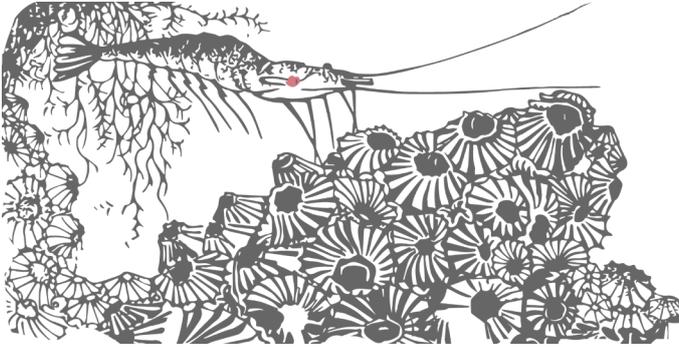
manzuá

Uma nova consciência me fazia questionar a humanidade e refletir sobre o que me cercava, ao olhar ao redor na área externa da minha casa, vi que a natureza dava um suspiro de alívio, o céu estava mais azul e limpo, as borboletas apareciam voando com suas múltiplas cores, comecei então a sentir falta das plantas do quintal das minhas avós onde eu corria quando criança.

Ao me pegar refletindo sobre a responsabilidade com a vida da mãe provedora da minha existência, a natureza, fui indicado a ler um grande escritor indígena, **Ailton Krenak**, que em seu livro *“Ideias para adiar o fim do mundo”* fala:

O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos (KRENAK, 2019, p. 26-27).

Krenak provoca que contar mais uma história é ir contra esse sistema “zumbi” e adiar o fim do mundo instaurado há tantos séculos pela humanidade. O momento era esse naquele estado que meu corpo se encontrava, eu precisava me movimentar, contar uma história para ir contra aquele sistema que me provocava lentamente um suicídio mental, eu era o meu próprio vírus em estado de isolamento contínuo, mesmo antes do cenário de pandemia começar. O meu corpo existia, mas não contava uma história, se movimentava, mas não se movia de forma transformadora. Viver a experiência renovadora naquele momento me fazia ter novas relações afetuosas com minha mãe, uma nova visão sobre a doença de Alzheimer da minha avó, um novo encontro em total fricção com meus colegas artistas do curso de teatro, de forma que a troca era preciosa e necessária, um novo comportamento de mundo comigo mesmo.



manzuá

Para um processo transformador e para sentir meu corpo vivo, pulsando e pronto para um dia produtivo, era necessário partir para a busca por um estágio de autocontrole e relaxamento, foi quando práticas de respiração consciente me levaram a meditação, junto com um programa de ciclos respiratórios já experimentados em sala de aula, que agora se transportava para meu quarto, movimentos corporais fluidos surgiam com os ciclos de inspirações e expirações.

Dentro e fora de mim existia a força motivadora de empurrar a solidão do isolamento para criar, para contar uma história que ressignificasse tudo o que eu já tinha experimentado, o corpo que entrava em estado de conhecimento abundante também se movimentava de forma pulsante.

É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros [...] Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo e respirar (KRENAK, 2019, p. 27-28).

Viver a experiência de circulação pelo mundo, com a troca e fricção com outros corpos era o que Ailton Krenak me dizia em seu livro. A atriz e diretora, Grace Passô em sua performance “Frequência 2020”, realizada virtualmente pelo Sesc São Paulo, traz uma reflexão sobre o teatro: “A verdade é que teatro é frequência” (PASSÔ, 2020). Grace fala que teatro não é apenas repetição, como muitas pessoas pensam, e que sua existência é muito mais complexa, sem o espaço físico e presencial nesse atual momento que passamos, a frequência do teatro proposta por ela em sua performance, continua como ondas que propagam as perturbações que nos rodeiam, transportando energias.



manzuá

Quais as forças motivadoras para criar dentro do isolamento?

Durante o processo que eu estava vivendo, entrei em um estado de reflexão sobre o que me cerca, todos os dias pensei em como eu traria a energia do contato com os corpos dos meus colegas, para meu quarto através dos aparatos tecnológicos que me serviam. Em um semestre passado do nosso curso, presencialmente nossos encontros davam início com uma roda de olhares proposta pelo professor Rodrigo Cunha, quando de mãos dadas, em silêncio, olhávamos nos olhos um do outro, num momento de troca e afeto que mais me conectava com meus colegas em sala.

“O teatro agora é uma frequência. Frequência que lembra do toque (...) E se nunca mais pudermos nos abraçar, o teatro será para sempre o abraço durante o adeus a distância” (PASSÔ, 2020). Grace diz que no momento de adaptação que o teatro vem passando no isolamento, a frequência que essa arte transformadora provoca propaga ondas que transportam energias. No momento em que nosso professor/diretor vinha nos propor através da plataforma remota aquele exercício, percebemos ao nos aproximar da tela e olhar para os olhos de cada um, que um momento de encontro em cena era instaurado através das telas de vidro, por uma frequência energética em forma de um abraço distante.

Na performance da Grace Passô (Frequência 2020) pela plataforma de vídeos, pude encontrar a troca com seus colegas de cena sobre peças que já aconteceram, vi ali com a atriz e dramaturga as memórias de um passado, fatos presenciais como a intensidade do encontro e do toque, que ao ouvir da voz em uma ligação, transformava-se em um abraço à distância. Movimentar-se para contar uma história, estabelecer um contato energético que me transformasse em um ser friccionado em total troca e atrito com outros corpos, mesmo através das plataformas a mim oferecidas,



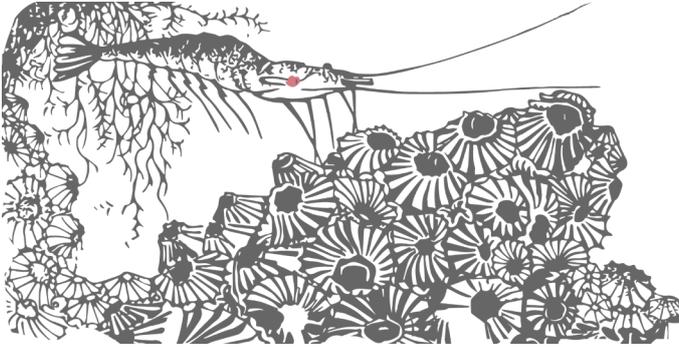
manzuá

também foi uma força motivadora para a existência do meu corpo em isolamento.

Passando pela experiência de troca e fricção proposta por Krenak, no teatro como frequência anunciando por Passô e no exercício proposto pelo professor/diretor Rodrigo Cunha, comecei a mapear quais eram as forças motivadoras para criar dentro de uma pandemia. Já que energias contrárias e negativas rondavam esse isolamento obrigatório e opressor, uma tomada de atitude e fuga dessa angústia me fez partir para a prática diária de exercícios físicos intensos, isso me fez perceber o quanto meu corpo era maior em amplitude do que eu imaginava, o quanto eu me sabotava na sala de aula ao praticar algum exercício de corpo proposto pelos professores, mas em casa, sozinho em meu quarto eu não tinha bloqueios para tentar e persistir nos exercícios. A prática de exercícios agora era ritual, necessária para me dar motivação para minha criação cênica e para o alívio dos efeitos do isolamento.

Comecei a abrir meus ouvidos para meus colegas, captando a energia que os olhos transportavam nas reuniões remotas. Fizemos alguns encontros com conversas sobre existências dentro de casa e trocas sobre as relações familiares, colhi também depoimentos da minha sogra sobre o diagnóstico do vírus e seu registro onde ela falava que sentia uma “sensação de morte”.

Assim, as principais forças motivadoras atravessavam meu processo de criação como ator, e através da meditação e de movimentos corporais que eram misturados ao som da música de Gadú, dava-se início a composição da primeira cena que elaborei, e a alguns encontros entre o ator e o diretor instaurados via plataforma remota, dividimos nossas rotinas diárias com ensaios em nossas casas.

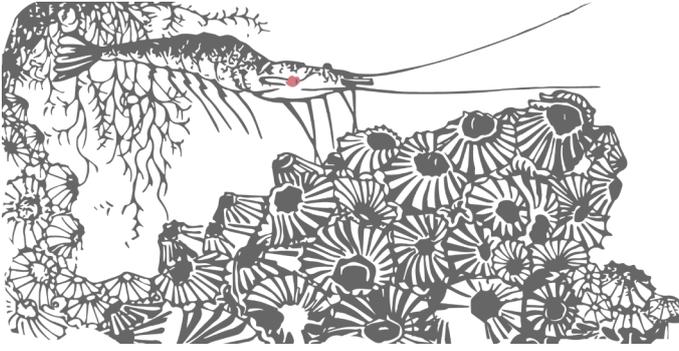


manzuá

Durante essa fase entrei em contato com o texto do professor Rodrigo Dourado “Teatros de Pandemia: O giro viral”. Dentro do estudo de Dourado (2020) pude refletir sobre o início de uma criação cênica onde eu encontrasse a teatralidade dentro de uma busca poética da vida e do momento de afirmação e sobrevivência artística que me atravessava. O autor diz:

O Coronavírus nos coloca em frente a outra teatralidade, em que os “trabalhadores-artistas” nem sempre se arriscam voluntariamente; em que a separação espetáculo/audiência está evidentemente atravessada por determinantes de classe; em que o desempenho obrigatório é um chamado do mundo neoliberal e das relações de trabalho precarizadas; em que não há rede de segurança para todos; em que a ritualização biológica dos métodos de trabalho pode significar a fronteira entre vida e morte; em que o desempenho que hoje julgamos extraordinário pode confiscar a vida desses atuantes (DOURADO, 2020, p. 03).

Para mim, criar em um momento como esse era também resistir como artista, evoluir como um pesquisador e viver a experiência de uma nova cosmovisão de vida, mas acima de tudo era respirar, era existir e manter viva e acesa a chama do teatro, era ressignificar a coxia, o palco, o aquecimento proposto, que agora eram inseridos no espaço do meu quarto, o impulso para minha criação de cena era a minha angústia em contato e relação com a angústia do outro, a troca era o que me motivava. A criação para a cena da experiência cênico-digital que iríamos colocar em cartaz dentro do “giro viral” (DOURADO, 2020) começava a ter forma, os impulsos existiam, as forças de troca com o outro e comigo eram os primeiros passos para criação cênica.



manzuá

Como as vivências pessoais contribuíram com/para criação da experiência cênico-digital?

Antes do isolamento instaurado pela Covid 19, passei por um momento junto a minha mãe do diagnóstico da minha avó da Doença de Alzheimer, lidamos com uma fase em que a doença provoca atitudes violentas no idoso e minha mãe, mais do que nunca, precisava da minha ajuda para administrar os remédios da minha avó, esse momento nos assustou muito e nos fez correr atrás de informações sobre a doença, como lidar com as mudanças de comportamento do idoso e os efeitos das medicações.

Percebi também que minha mãe tinha desistido das poucas plantas que tínhamos em casa devido à falta de tempo para cuidar, e eu não demonstrava o mínimo interesse em ajuda-la, cheguei até a muitas vezes desmotivar minha mãe. Ao abrir os olhos para o isolamento interno que eu já passava antes mesmo de começar a “quarentena” fui até uma sementeira perto da minha casa e decidi me dedicar como “pai de plantas”. A presença daqueles seres vivos melhorava nossas manhãs e acalmava a minha avó.

Os encontros de ensaio com o diretor continuavam em paralelo a esses acontecimentos de mudanças de atitude. Nos encontros com Rodrigo Cunha eu trazia a construção de um cenário, luz e figurino, escolhi trazer ao meu cenário minhas novas filhas plantas, em um espaço de no máximo 1,5m² ao lado da minha cama, iluminado apenas por pequenas luminárias de natal. Entre as plantas eu me sentava em posição confortável e ao som da música, fluidamente, movimentos corporais eram ativados após uma prática de meditação, sendo essa minha primeira construção para o trabalho.

Foi quando fui provocado pelo nosso diretor a contar uma história sobre o meu ritual diário na quarentena, era preciso criar uma dramaturgia para um possível trabalho que seria exibido para o



manzuá

público, mas acima de tudo, era preciso se movimentar para contar uma história transformadora que acontecia em mim, essa era a minha tarefa de investigação como ator. Lidei com algumas crises de ansiedade e pensei em mudar a composição que eu tinha criado, mas logo fui provocado a fazer uma investigação mais aprofundada e não desistir do meu processo criativo.

Comecei a pensar em minha rotina caseira e solitária dentro do isolamento, um material potente na investigação que resultaria no trabalho apresentado. A investigação do meu corpo e a relação que ele tinha com minha cena começou a ter outro significado pra mim durante esse processo, não bastava repetir os movimentos, era preciso investigar formas, proposições e mudanças, pois a presença e a composição cenográfica já eram potentes.

Uma dramaturgia surgia e contava uma história sobre meu isolamento social e a transformação como artista, a meditação estava ali sendo interrompida pelo alarme do remédio da minha avó, os exercícios físicos intensos estavam também ali como forma de acordar o corpo após o despertar. Durante um dos ensaios fui surpreendido com a participação especial da minha filha pet Nala, a única que estava no meu quarto nesses momentos íntimos, uma companheira de cena que descobri e que desde esse acontecimento inesperado permaneceu em todas as apresentações, buscando nos ensaios criar formas de manter ela calma e participativa. Um momento de descontração com uma luminária que virava um microfone me fazia dublar uma música, e me soltar livre dentro do meu quarto, assim como eu fazia ao fim dos intensos exercícios.

Dentro do meu tempo eu tinha um vasto material. Mas tiveram nessa caminhada momentos de grandes desmotivações pessoais que travavam uma luta diária com meu corpo preguiçoso que insistia em (r)existir e a solidão de não ter meus amigos por perto. Depois



manzuá

desta grandiosa motivação proposta pelo diretor em investigar mais a minha dramaturgia, montamos uma sequência de cenas que dialogavam entre si e levamos esse material para a criação da experiência cênico-digital, a qual chamamos ***“Enquanto a festa não chega”***.

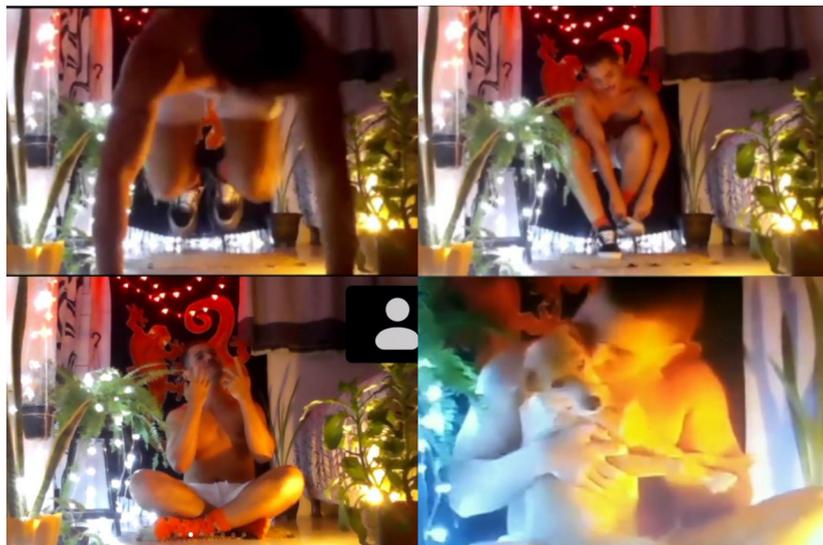
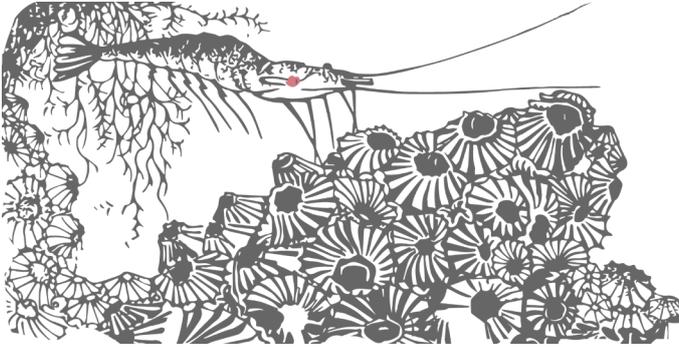


Figura 1- Prints da cena durante a apresentação virtual

Ao ligar da câmera, quem estava presente? Alguém ouvia o meu grito de alerta? Ao fim da cena, olhando para os olhos de cada quadrado da tela, como se uma câmera escondida fosse descoberta, eu perguntava se alguém estava ali me vendo, e bruscamente desaparecia. A relação com o público era intensa a cada encontro e ser um artista ativamente criador em um período tão difícil, era inspirador, além de motivar outros artistas. Tudo era ao vivo, os olhos de quem se identificava, a vontade de abraçar aquele animal que aparecia na tela por muitos que assistiam, isso era presença, isso era FREQUÊNCIA. Assim, mais uma vez, como diz Grace Passô: *“O teatro será para sempre o abraço durante o adeus a distância”*.



manzuá

Referências

PASSÔ, Grace. **Marcha para Zenturo**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **“O que é quarentena?”**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-e-quarentena.htm>. Acesso em 10 de Agosto de 2020.

MARIA GADÚ. **Mundo líquido**. Maranhão: Lancaster Pinto, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/H5UC9a1sjiY>. Acesso em 6 Ago. 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**/ Ailton Krenak. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GRACE PASSÔ. **Frequência 20.20 no #EmCasaComSesc**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/Yf4oVUJVqic>. Acesso em 6 Ago. 2020.

DOURADO, Rodrigo. **Teatros de Pandemia: O giro viral**. Folha 1, 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/y7s8vgmd>. Acesso em 10 Ago. 2020.